



TRUDI CANAVAN
A Voz dos Deuses

A Idade dos Cinco: Livro III

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta





*Para o meu pai, Wink Dauncey,
que adorava fazer coisas*





Agradecimentos

Agradeço muito aos «Dois Pauls» e a Fran Bryson, que leram o mais imperfeito de todos os esboços imperfeitos. Agradeço também a Jennifer Fallon, Russell Kirkpatrick, Glenda Larke, Fiona McLennan, Kaaren Sutcliffe e Tessa Kum pela opinião que me deram. A todos os leitores, especialmente todos os meus amigos da Voyager Online. E, por fim, a Stephanie Smith e à equipa da Voyager.





→ Prólogo ←

Um homem que entrou aos tropeções pela porta do hospício estava coberto de sangue. Manchava-lhe a cara e as roupas e escorria-lhe por entre os dedos da mão que apertava contra a testa. Os ocupantes do átrio de acolhimento calaram-se ao vê-lo, mas logo a seguir o barulho e a actividade recomeçaram. Alguém se encarregaria dele.

Parece que desta vez esse alguém sou eu, pensou a sacerdotisa Ellareen, a olhar para os outros curandeiros. Todos os sacerdotes, sacerdotisas e Tecedores de Sonhos estavam ocupados, mas o Tecedor de Sonhos Fareeh estava a apressar os gestos com que colocava uma ligadura à volta do braço do seu paciente.

Quando o recém-chegado a viu aproximar-se, pareceu aliviado.

– Bem-vindo ao hospício – disse ela. – Como te chamas?

– Mal Toolmaker.

– Que te aconteceu?

– Assaltado.

– Deixa-me ver. – Relutante, ele deixou-a afastar a mão que continuava a pressionar contra a testa. O golpe, que chegara ao osso, continuava a sangrar. Ela voltou a pousar a mão dele em cima da ferida. – Vai ter de ser cosido.

O olhar dele deslizou até ao Tecedor de Sonhos mais próximo.

– Fá-lo-ás tu?

Ela reprimiu um suspiro e indicou-lhe com um gesto que a seguisse pelo corredor.

– Sim. Vem comigo.

Não era inédito alguém que procurasse o hospício pedir um curandeiro dos Adoradores do Círculo, mas era invulgar. A maior parte dos que ali iam



estava disposta a aceitar qualquer ajuda. Os que não gostavam dos Tecedores de Sonhos, ou desconfiavam deles, procuravam outros lugares.

Os Tecedores de Sonhos trabalhavam sem problemas com os sacerdotes e sacerdotisas Adoradores do Círculo, e vice-versa. Todos sabiam que estavam a tratar muitas pessoas que antes não teriam recebido qualquer ajuda. Mas não era possível apagar em poucos meses um século de preconceito. Nem Ella esperara que fosse. E nem sequer queria que fosse. Os Tecedores de Sonhos não adoravam os deuses, de modo que as suas almas morriam ao mesmo tempo que o corpo. Respeitava-os muito como curandeiros – ninguém que tivesse trabalhado ao lado deles poderia deixar de confessar-se impressionado pelo talento e perícia de que davam provas –, mas aquela atitude depreciativa, desconfiada, em relação aos deuses irritava-a.

Também não aprovo a intolerância cega. A tendência que algumas pessoas tinham para temer quem fosse diferente delas ao ponto de transformar esse medo num ódio irracional perturbava-a mais do que a vulgar violência e a miséria absoluta que levavam a maior parte dos pacientes ao hospício.

Recentemente, um novo grupo que se autodenominava «os verdadeiros Adoradores do Círculo» começara a hostilizar os trabalhadores do hospício. A arrogante convicção daquela gente de que a sua veneração dos deuses era mais meritória do que a dela irritava-a ainda mais do que a indiferença dos Tecedores de Sonhos. A única questão em que estava de acordo com eles era no respeitante aos *Pentadrians*. Ao contrário dos *Pentadrians*, os Tecedores de Sonhos não afirmavam seguir deuses – deuses que não existiam – nem usavam a mentira para convencer a população de um continente inteiro de que os Adoradores do Círculo eram pagãos que mereciam ser exterminados.

Pelo menos, este homem não é demasiado orgulhoso para aceitar a nossa ajuda, pensou enquanto o guiava pelo corredor até uma sala de tratamento desocupada e lhe indicava que se sentasse na ponta de um banco. Dirigiu-se à calha situada num dos extremos da sala por onde passava uma corrente de água, encheu uma gamela e usou magia para a aquecer. Tirou um pano de um cesto, deitou-lhe algumas gotas de óleo para lavar feridas, mergulhou o pano na água e limpou a cara do homem. Começou então a coser o golpe.

Naen, um jovem sacerdote, apareceu à porta quando ela estava quase a terminar.

– A tua mãe acaba de chegar, sacerdotisa Ella.

Ella franziu a testa.

– Diz-lhe que já lá vou. Logo que acabe de tratar este paciente.

Yranna, faz com que fique quieta até eu estar pronta. E, por favor, que não esteja num dos seus dias de mau humor.

:Naen certificar-se-á de que ela não te interrompe, Ellareen, prometeu-lhe uma voz.

Ella endireitou-se e olhou em redor. Não havia sinais da mulher que tinha falado. *Estarei a ouvir vozes, como aquele velho louco que passa a vida a aparecer por cá?*

:Não, não enlouqueceste. És tão sã de espírito como a maior parte dos mortais. Mais, até. Apesar de estares sempre a falar comigo.

:Falar com... és... Yranna?

:Exacto.

:Não pode ser.

:Por que não?

:Bem... és um deus. Uma deusa. Por que falarias comigo?

: Tenho uma tarefa para ti.

Um frémito que era ao mesmo tempo de excitação e medo desceu pela espinha de Ella. Nesse instante, ouviu um dos sacerdotes que estavam no átrio de acolhimento erguer a voz.

– Há uma multidão a bloquear a rua lá fora. Não nos deixam sair do hospício... não, não podemos... é melhor esperar.

Outra vez os «verdadeiros Adoradores do Círculo» não!, pensou Ella enquanto fazia o nó no último ponto.

:Sim. Cercaram o hospício.

Ella suspirou, e então a compreensão gelou-a.

:Mas... este bloqueio deve ser diferente dos outros, ou não me terias encarregado de uma tarefa.

:É verdade.

:E que tarefa é essa?

:Quero que imobilizes o homem que estás a tratar. Usa magia, drogas... o que for preciso.

Ella ficou muito quieta, a olhar para o homem que tinha à sua frente. Ele devolveu-lhe o olhar, as pupilas muito dilatadas. Não era apenas a dor que lhe espicaçava os nervos. Era também o medo.

Sentiu a boca seca e o coração bater mais depressa. Era possível que ele fosse mais Dotado do que ela. E, fisicamente, era sem dúvida mais forte. Se aquilo corresse mal...

Não penses nisso, disse a si mesma. Quando os deuses pedem qualquer coisa, a tua obrigação é esforçares-te ao máximo para os satisfazer.

A força da magia dela atirou-o contra a parede, deixando-o sem respiração. Ella empurrou-o contra o banco e manteve-o ali, na esperança de que ele estivesse demasiado ocupado a tentar respirar para usar quaisquer Dons que pudesse ter.

Mas ele vai recuperar não tarda. Yranna sugeriu drogas...

Deitou a mão a uma frasco de óleo de vapor-de-sono e verteu um pouco num pano, que lhe apertou contra o nariz até que os olhos dele se tornaram vítreos. Seria o suficiente para o controlar durante alguns minutos, mas, e depois? O bloqueio podia demorar horas.

Preciso de um indutor de sono. Olhou em redor e descobriu um frasco quase vazio de pó de *formin*. Preparou uma fraca poção com os restos de pó e despejou-a com cuidado na boca do homem. O movimento fê-lo voltar a um estado semiconsciente; tossiu, engoliu a mistura e tornou a mergulhar na inconsciência.

Ella recuou para avaliar o resultado do seu trabalho, e apercebeu-se de que não fazia a mínima ideia de quanto tempo uma dose tão pequena de droga faria efeito. Meia chávena induzia uma noite inteira de sono. A dose que tinha administrado talvez durasse uma hora, com sorte. Podia conseguir mais pó de *formin*, mas era difícil, e seria perigoso administrar a droga a um paciente inconsciente. Havia o risco de ir para os pulmões. Olhou para o homem estendido no banco.

Yranna disse para te imobilizar, pensou, não para te matar. Que tinhas tu planeado, ao fim e ao cabo, Mal Toolmaker?

Num impulso, pegou nuns restos de ligaduras e amarrou-lhe os pés e as mãos e amordaçou-o. Para esconder o que fizera, pegou numa manta e tapou-o com ela, deixando de fora apenas o topo da cabeça.

Claro que nada disto o impediria de causar alarme quando acordasse. *Os outros vão querer saber por que fiz isto. O que vou dizer-lhes?* Não estava muito segura de que acreditassem nela se lhes dissesse que a deusa a mandara imobilizar um paciente. *Bem, talvez até acabem por acreditar, mas entretanto o mais certo é deixarem-no livre para fazer seja lá o que for que tenciona fazer.*

O homem tinha apanhado uma pancada na cabeça, pelo que seria plausível afirmar que tivera tonturas e manifestara alguma desorientação. Mas as drogas indutoras de sono não faziam parte do tratamento habitual em casos de traumatismo, o que significava que ia ter de arranjar outra explicação.

– Ella! – chamou, do corredor, uma voz familiar.

Rodou sobre os calcanhares. A mãe devia ter escapado à vigilância do sacerdote Naen. Apressou-se a sair da sala de tratamento, antes que fosse apanhada junto a um paciente amarrado e amordaçado.

No corredor, uma mulher pequena, de cabelos grisalhos e envolta numa impecável *tawl* de fino tecido e excelente corte, franziu reprovador o sobrolho ao vê-la.

– Ella. Por fim. Preciso de ter uma *pequena* conversa contigo.

– Desde que seja pequena – respondeu Ella, mantendo um ar atarefado. – Vamos para o átrio de acolhimento.

– Tens de deixar de trabalhar aqui – disse a mãe em voz baixa, enquanto a seguia. – É demasiado perigoso. Já era bastante mau saber que estás sob a influência destes pagãos, mas agora é pior. Correm rumores por toda a cidade. Espanta-me que não tenhas já tido o bom senso de deixar este...

– Mãe – interrompeu-a Ella. – Do que está a falar?

– Mirar voltou – respondeu a mãe. – Ou será que não ouviste?

– É evidente que não – respondeu Ella.

– Ele era... é... o líder dos Tecedores de Sonhos. Um Selvagem. Dizem que não foi morto há cem anos; sobreviveu. Tem estado escondido e agora voltou.

– Quem o diz? – perguntou Ella, a tentar não parecer demasiado céptica.

– Toda a gente... e não faças essa cara. Foi visto por muitas pessoas. E os Brancos não o negam.

– Tiveram oportunidade de o fazer?

– Claro que tiveram. Agora, ouve o que te digo. Não podes continuar a trabalhar aqui. Tens de parar!

– Não vou abandonar pessoas que precisam de mim por causa de um rumor.

– Não é um rumor! – exclamou a mãe, esquecendo que ela própria assim chamara às afirmações a respeito do regresso de Mirar. – É a verdade! E se ele vier aqui? Pensa no que pode fazer-te! És capaz de nem sequer o reconhecer. Até já pode estar a trabalhar cá, disfarçado! Pode *seduzir-te*!

Ella conseguiu, com dificuldade, impedir que um sorriso lhe aflorasse aos lábios. *Pois sim, seduzir-me!*

– Os Tecedores de Sonhos não me interessam, mãe.

Mas a mãe não estava a ouvir. À medida que as possíveis ameaças contra a sua pessoa se tornavam mais extravagantes, Ella encaminhou-a para um dos bancos do átrio de acolhimento.

– E vê o que aconteceu – disse a mãe, de forma abrupta. – Por causa do regresso *dele*, estamos aqui fechadas. Não há uma porta das traseiras? Não podemos...

– Não. Quando isto acontece, há sempre arruaceiros à espera na porta das traseiras.

– Se fosses uma alta sacerdotisa, não se atreveriam.

Ella reprimiu um suspiro. *Diz-me, Yranna, as mães são todas assim? Alguma vez estão satisfeitas com os filhos? Se conseguisse tornar-me uma alta sacerdotisa, não decidiria que devia ser uma Branca? E se por algum milagre me tornasse uma Branca, não começaria a chagar-me para ser uma deusa?*

Respondeu à mãe o que sempre respondia:

– Se eu fosse alta sacerdotisa, não teria tempo para falar consigo.

A mãe encolheu os ombros e desviou o olhar.

– Quase nunca nos vemos, de todos os modos.

Só de dois em dois ou de três em três dias, pensou Ella. *Coitados dos meus pais, como eu os negligencio. Se me tornar assim, Yranna, por favor mata-me.*

– Já ouviste dizer quem vai substituir Auraya? – perguntou a mãe.

– Não.

– Com certeza *alguma coisa* hás-de ter ouvido, por esta altura.

Como consegue fazer com que até isto pareça uma falha da minha parte?

– Como muitas vezes teve o cuidado de fazer notar, sou apenas uma humilde sacerdotisa, indigna de atenção ou respeito, ou até dos mais fundos segredos dos Adoradores do Círculo – respondeu seca, à espera de ser admoestada pelo sarcasmo.

Mas a mãe não a ouvia.

– Terá de ser um dos altos sacerdotes – continuou a mãe, como se falasse consigo mesma. – Precisamos de alguém forte... não de uma rapariguinha frívola com um fraco por pagãos. Os deuses fizeram bem ao expulsar a tal Auraya dos Brancos.

– Não foi expulsa. Demitiu-se para ajudar os *Siyee*.

– Não foi o que *me* disseram. – O facto de estar a par do mexerico pôs um brilho de alegria nos olhos da mãe. – Disseram-me que ela recusou fazer o que os deuses *lhe* tinham ordenado e que eles *lhe* retiraram os poderes.

Ella rilhou os dentes.

– Bem, estou sempre a conversar com Yranna e ela não me disse nada a esse respeito. Além disso, uma boa curandeira não desperdiça horas de trabalho a ouvir coscuvilhices.

A mãe semicerrou os olhos e empinou o queixo. Antes que pudesse falar, porém, Ella ouviu alguém chamar o seu nome. Ergueu os olhos e sentiu o coração afundar-se-lhe no peito ao ver o sacerdote Naen e o sacerdote Kleven aproximarem-se. Ambos tinham o cenho franzido.

– Que aconteceu ao homem que tinha um golpe na testa, Ella? – perguntou Kleven.

– Quis... ficou zangado quando soube que estávamos aqui encurralados.

– Portanto sedaste-lo?

Ella pôs-se de pé e, deixando a mãe sozinha no banco, aproximou-se de Kleven.

– Sim – respondeu em voz baixa. – Estava... *muito* zangado. Usei vapor-de-sono, e quando vi que não havia efeitos adversos, dei-lhe um pouco de *formin*.

– *Formin*? A um homem que apanhou uma pancada na cabeça? – exclamou Kleven, sem erguer a voz. Abanou a cabeça e começou a avançar para o corredor. Ella teve um pequeno sobressalto e apressou-se a segui-lo.

– Qualquer pessoa ferida na cabeça que manifeste um comportamento estranho deve ser vigiada com atenção – disse Kleven, enquanto entravam na sala de tratamento. Puxou a ponta da manta que cobria a cara de Mal Toolmaker, expondo a mordaza. – Que significa isto? – exclamou, quando retirou a manta e viu os pulsos e os tornozelos amarrados.

– Ele atacou-me – justificou-se ela.

Kleven voltou-se e olhou-a.

– Estás bem?

– Sim. – Encolheu os ombros. – Não chegou a tocar-me.

– Devias ter-me falado disto.

– Ia fazê-lo, mas... a minha mãe distraiu-me.

Kleven assentiu e tornou a olhar para o homem adormecido. Ella sentiu um arrepio descer-lhe pelas costas ao vê-lo começar a desatar os nós.

– Será sensato? – perguntou, hesitante.

– O Naen fica a vigiá-lo. Quanto *formin* lhe deste?

– Pouco. Uma colher pequena.

O homem agitou as pálpebras em reacção ao toque dos dedos de Kleven. Não estava a acordar, mas não tardaria muito.

– Pára – deu por si a dizer. – Não podes acordá-lo. Tens de voltar a drogá-lo.

Kleven voltou-se mais uma vez para ela com um olhar interrogativo.

– Porquê?

Ella suspirou.

– É incrível, mas tens de acreditar em mim. Fui avisada a respeito dele e foi-me ordenado que o imobilizasse.

– Quem to ordenou?

Ella fez uma careta.

– Vais ter dificuldade em acreditar. Foi... Yranna.

Kleven arqueou uma sobrancelha.

– A deusa?

– Sim. Falou comigo. Na minha mente. E não, não costumo ouvir vozes dentro da cabeça.

O sacerdote observava-a com uma expressão pensativa. Ella viu-lhe a dúvida nos olhos, mas não soube se hesitava em acreditar nela ou em correr o risco de agir contra as ordens de uma deusa.

– Como sei que não estás a inventar tudo isto?

– Não posso prová-lo, se é isso que queres dizer. Mas posso fazer notar que sempre até agora agi com perfeito bom senso... e que nunca dei sinais de loucura.

– É verdade – concordou Kleven. – Mas não faz sentido Yranna ter falado apenas contigo. Se este homem representa um perigo para o hospício, todos nós precisamos de saber.

– Também achei estranho – admitiu ela. – Talvez o perigo tenha passado... mas eu não estou disposta a correr esse risco. Se tu estás...

Kleven olhou para o homem, indeciso.

– Posso ajudar em alguma coisa?

Voltaram-se para a porta, onde o Tecedor de Sonhos Fareeh se tinha detido. Ella gemeu para dentro. Kleven não acabara de soltar os nós e, ao ver as ligaduras, o Tecedor de Sonhos arqueou as sobrancelhas.

– Um paciente difícil?

Kleven olhou para Ella.

– De várias maneiras – disse.

O Tecedor de Sonhos olhou para o homem adormecido, depois para cada um deles, e assentiu com a cabeça. Começou a afastar-se. Kleven suspirou.

– A Ella diz que foi Yranna que a mandou imobilizá-lo.

Ella voltou-se para o sacerdote, surpreendida.

– Ah – foi tudo o que Fareeh disse.

Por que foi que Kleven lhe disse aquilo? E então, devagar, compreendeu. Se não dissesse, Fareeh compreenderia que estamos a esconder-lhe qualquer

coisa. E isso poderia alterar a maneira como trata connosco. Abanou a cabeça. Este equilíbrio de confiança e desconfiança entre nós é tão instável.

– Acreditas nela? – perguntou Kleven.

O Tecedor de Sonhos encolheu os ombros.

– Não acredito em nada que não possa confirmar com os meus próprios sentidos, de modo que a crença é irrelevante. Ou ela está enganada, ou não está. Qualquer das situações é preocupante. Tudo o que posso sugerir é que leves o paciente e a sacerdotisa para o átrio de acolhimento, onde poderemos todos estar atentos e enfrentar qualquer problema que possa advir.

– É um bom conselho – concordou o sacerdote mais velho, com um aceno de cabeça.

Sob o olhar ansioso de Ella, Kleven usou magia para erguer no ar o homem inconsciente e levá-lo para o átrio de acolhimento. Visitantes e curandeiros, aborrecidos e desejosos de uma distração, viram, curiosos, o desconhecido ser estendido em cima de um banco. Mas à medida que o tempo passava e o homem não fazia nada senão dormir, perderam o interesse.

Enquanto vigiava o indivíduo que dissera chamar-se Mal Toolmaker, Ella perguntava a si mesma que teria ele planeado fazer. *Ias atacar-nos? Ias escapulir-te da sala quando estivéssemos distraídos e abrir a porta das traseiras para que a tua gente pudesse entrar?* Sempre que o homem se mexia, o coração dela dava um salto.

Quando, por fim, ele pestanejou e abriu os olhos, pôs-se de pé, pronta para recorrer à magia para repelir qualquer ataque.

– Senta-te, sacerdotisa Ella – disse Kleven, num tom calmo mas firme. Obedeceu.

O desconhecido soergueu-se, apoiado nos cotovelos, e olhou em redor, atordoado. Pousou os olhos em Ella e estremeceu.

– Q'aconteceu? – perguntou. – Ela at'cou-me.

– Mantém-te calmo. Não corres qualquer perigo – disse Kleven, tranquilizador. – Espera um pouco até recuperares.

O homem olhou em redor.

– Ainda aqui. Por... sou um pris'oneiro?

– Não.

O indivíduo tentou pôr-se de pé. Kleven aproximou-se para o apoiar.

– Quero sair.

– A seu tempo. Ingeriste uma pequena dose de droga do sono. Deixa passar o efeito.

– Sono... por que foi que me drogaram?

– Um de nós convenceu-se de que pretendias fazer-nos mal. É verdade?

A expressão que perpassou pela cara do homem pôs um arrepio na espinha de Ella. *Culpa! pensou. Estava a planear qualquer coisa.*

– Não. Só vim... – Ergueu a mão e levou-a à testa, fazendo uma careta quando tocou nos pontos. Inspirou fundo, endireitou as costas e pôs-se de pé. Cambaleou por um instante, e então deu alguns passos. O efeito da droga estava a dissipar-se depressa, e ninguém se mexeu quando ele caminhou com crescente confiança até ao fundo do átrio e voltou. – Estou bem – disse. – Posso ir agora?

Kleven encolheu os ombros e assentiu.

– Não vejo qualquer razão para te retermos aqui... excepto o facto de haver uma multidão hostil lá fora. Ficarás com outro desses arranhões, no mínimo, se saíres.

O homem olhou com dureza para Ella.

– Prefiro arriscar.

Kleven voltou a encolher os ombros.

– Não te impediremos, só podemos avisar-te. Vou libertar a porta.

Mais uma vez, ninguém se mexeu quando o homem avançou para a porta. Ella franziu a testa. Devia estar satisfeita por ele se ir embora, o seu plano gorado, fosse ele qual fosse. Mas havia qualquer coisa que a incomodava. Por que o deixaria Yranna ir se ele ameaçara o hospício? Yranna tinha dito...

Então compreendeu o que era.

– Pára! – gritou, levantando-se de um salto. O homem ignorou-a.

– Ella... – começou Kleven a dizer.

Quando o homem pousou a mão na porta, Ella absorveu magia e projectou uma barreira para o deter. O homem fez força contra o escudo invisível, voltou a cabeça e olhou para ela, furioso.

– Ella! Deixa-o ir! – ordenou Kleven.

– Não – respondeu Ella, calma. – Yranna disse-me para o imobilizar. Não disse porquê. Talvez fosse para o impedir de nos fazer mal. Talvez fosse para o impedir de sair.

O homem afastou-se da porta e voltou-se para ela, o rosto distorcido pela fúria. Ella sentiu Kleven agarrar-lhe o braço.

– Ella. Não podemos...

Calou-se e Ella ouviu-o fazer uma inspiração rápida e curta. Soou uma pancada na porta. Kleven largou-lhe o braço.



– Baixa a tua barreira – murmurou. – Rian dos Brancos está aqui.

Ella fez o que lhe era pedido. A porta abriu-se. Um homem que vestia um *circ* sem qualquer decoração passou o umbral. Rian, o Branco de cabelos de fogo, cravou no desconhecido uns olhos antigos.

– Obrigaste-nos a uma longa perseguição, Lemarn Shipmaker.

O desconhecido recuou, muito pálido. Uma alta sacerdotisa entrou no hospício. A um sinal de Rian, fez um gesto na direcção do homem, que passou por ela com passos rígidos e saiu, guiado por uma força invisível.

Rian voltou-se e olhou para os ocupantes do hospício.

– Os arruaceiros ganharam juízo e arranjam outros lugares para estar. Já podem sair em segurança. Ou ficar e continuarem o vosso trabalho ou tratamento, como preferirem.

Houve suspiros de alívio, vindos de vários pontos da sala. Kleven avançou e fez com as mãos o sinal do círculo.

– Obrigado, Rian dos Brancos.

Rian respondeu com um aceno de cabeça, e então olhou para Ella.

– Bom trabalho, sacerdotisa Ellareen. Há meses que procurávamos este homem. Os deuses estão impressionados com a tua lealdade e obediência. Não ficarei surpreendido se te for oferecida uma oportuna posição como alta sacerdotisa.

Ella ficou a olhar para ele, estupefacta. Rian, que não estava à espera de uma resposta, fez meia volta e saiu.

Uma oportuna posição como alta sacerdotisa? Com certeza não estava a sugerir... não, não podia ser.

Mas a Cerimónia da Escolha para os próximos Brancos estava apenas a um mês de distância. Que outra razão poderia haver para que uma promoção a alta sacerdotisa fosse oportuna?

Só tenho de esperar para ver.

A sentir-se algo zozna, regressou ao interior do hospício e voltou ao seu trabalho.

